



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB DEPARTAMENTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS IX LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS**

JAQUELINE GOMES DA SILVA
WALINSON DE SOUSA MOREIRA

**SOB AS MARCAS DA INFÂNCIA MARGINALIZADA: PEDRO BALA
HERÓI E ANTI- HERÓI.**

BARREIRAS-BA

2021

JAQUELINE GOMES DA SILVA
WALINSON DE SOUSA MOREIRA

**SOB AS MARCAS DA INFÂNCIA MARGINALIZADA: PEDRO BALA
HERÓI E ANTI-HERÓI.**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, campus IX, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras. Língua Portuguesa e Literaturas.

Área Literatura.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Fátima Leonor Sopran

BARREIRAS-BA

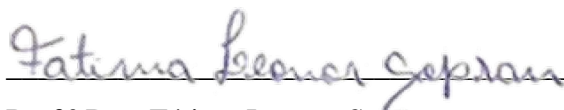
2021

JAQUELINE GOMES DA SILVA
WALINSON DE SOUSA MOREIRA

**SOB AS MARCAS DA INFÂNCIA MARGINALIZADA: PEDRO BALA HERÓI E
ANTI- HERÓI.**

Aprovada em 16/12/2021

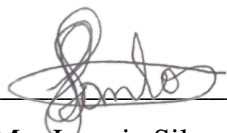
COMISSÃO AVALIADORA



Prof.^a Dra. Fátima Leonor Sopran

Orientadora

Universidade do Estado da Bahia – (UNEB)



Prof. Ma. Josania Silva Santos

Universidade do Estado da Bahia - (UNEB)



Prof.^a Dr. Nelson de Jesus Teixeira Junior

Universidade do Estado da Bahia – (UNEB)

BARREIRAS – BA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

S586s

Silva, Jaqueline Gomes da

Sob as marcas da infância marginalizada: Pedro bala herói e anti-herói /
Jaqueline Gomes da Silva, Walinson de Sousa Moreira. - Barreiras, 2021.
44 fls.

Orientador(a): Prof. Fátima Leonor Sopran.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Letras - Língua Portuguesa e Literaturas) - Universidade
do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus IX. 2021.

1.Literatura brasileira. 2.Romance. 3.Herói. 4.Anti-herói. 5.Sociedade.

CDD: 804

DEDICATÓRIA

Dedicamos primeiramente a Deus. Aos nossos familiares que tanto acreditaram no nosso potencial e estão na torcida por cada conquista. Aos amigos que estão sempre presentes e torcendo para que a nossa trajetória seja de sucesso.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradecemos a Deus pelo fôlego de vida, por nos permitir o início e o término desse curso. Pedimos a Deus que continue nos guiando para que cada degrau ou qualquer obstáculo ao longo dessa caminhada seja percorrido na certeza de que estaremos prontos para qualquer desafio.

Nossa gratidão vai para a nossa família que em todos os momentos souberam nos acolher e essa vitória é dedicada a cada um deles. Gratos pela confiança, por acreditarem em nosso potencial, este apoio é imprescindível nessa jornada.

A gratidão é a memória do coração, dizer obrigada é um ato simples, mas necessário, essa demonstração a vocês é o aprendizado mais singelo e nos sentimos gratos à orientadora que de toda sorte tem participação múltipla nesse trabalho.

“O despertar da consciência na criança coincide sempre com o aprendizado da linguagem que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade”. **Émile Benveniste**

RESUMO

O presente trabalho consiste num estudo sobre as marcas da infância marginalizada em **Capitães da Areia**, de Jorge Amado. Esse romance aborda a vida pregressa de meninos abandonados pela sociedade. Eles possuem virtudes e defeitos, porém muitas vezes os defeitos se acentuam muito mais. Partindo dessa premissa, a pesquisa tem como objetivo principal analisar a representação da figura do herói e do anti-herói da modernidade através do personagem Pedro Bala de **Capitães da Areia**. Com os objetivos específicos tentamos compreender por meio do contexto em que vive, o real envolvimento do protagonista com seu bando e analisar os pontos positivos e negativos em liderar um grupo de meninos de rua. O romance procura mostrar não apenas os assaltos e as atitudes violentas da vida rude, mas também as aspirações e os pensamentos ingênuos, comuns a qualquer criança. Pedro Bala é o chefe do grupo capitães da areia e passa toda sua trajetória liderando e mostrando sua coragem. Com todos os atributos verificados no enredo, as características do protagonista seriam compatíveis para representação da figura de herói e anti-herói? Confirma-se essa problemática no decorrer da narrativa. Este estudo contou com uma pesquisa bibliográfica de cunho analítico pautando-se nas especificidades dos estudos dos seguintes teóricos: Tringali (1994), Campbell (1997-2002), Pauletti; Botoso (2012), Cardoso (2017), Nascimento (2019), entre outros. Constata-se que o protagonista deste romance pode ser considerado como o “Herói de Mil Faces” de Campbell.

Palavras-chave: Literatura, herói, anti-herói, sociedade

ABSTRACT

The present Works consist of a study on the marks of marginalized childhood in **Capitães da Areia**, by Jorge Amado. This novel deals with the past life of boys abandoned by society. They have virtues and defects, but often the defects are much more accentuated. Based on this premise, the main objective of the research is to analyze the representation of the figure of the hero and anti-hero of modernity through the character Pedro Bala de **Capitães da Areia**. With specific objectives, we tried to understand, through the context in which he lives, the real involvement of the protagonist with his gang and analyze the positive and negative points in leading a group of street children. The novel seeks to show not only the assaults and violent attitudes of the rough life, but also the naive aspirations and thoughts common to any child. Pedro Bala is the head of the captains of the sand group and spends his entire career leading and showing his courage. With all the attributes verified in the plot, can we say that its characteristics are compatible for the representation of the hero and anti-hero figures? This issue is confirmed throughout the narrative. This study included a bibliographical research of an analytical nature based on the specifics of the studies of the following theorists Tringali (1994), Campbell (1997-2002), Pauletti; Botoso (2012), Cardoso (2017), Nascimento (2019), among others. The protagonist of this novel can be considered as the "Hero of a Thousand Faces" by Campbell.

Keywords: Literature, hero, anti-hero, society

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: HERÓI E ANTI-HERÓI	12
1.1 O Herói	12
1.2 O Anti-Herói	17
CAPÍTULO II: JORGE AMADO E SUA TRAJETÓRIA	21
2.1 Obras de Jorge Amado.....	24
CAPÍTULO III: CAPITÃES DA AREIA: A LUTA PELO COLETIVO	27
3.1 O Herói Pedro Bala: Personagem de duas Faces.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

Os heróis sempre fizeram parte da história da humanidade. O que denomina um herói desde a antiguidade clássica à era da modernidade é que assume a função de um defensor e salvador da pátria. O conceito grego de herói inclui uma série de aspectos como o nascimento difícil, predição para o futuro, exposição ao perigo, descoberta da origem nobre, proezas memoráveis, represálias, casamento com protagonistas e morte trágica.

No que se refere à literatura mundial, Benjamin (1989) alega que o poeta Baudelaire pôs a sua imagem de artista a imagem de herói. O poeta demonstra seu desencanto e angústia ao mesmo tempo em que ironiza o sistema capitalista em que o ser humano vale pelo capital que possui. Observa-se que essa ideia de capitalismo, de heroísmo está presente no livro *Capitães da Areia*. Porém por uma perspectiva diferente, pois o herói na obra é um indivíduo sem capital, no entanto, um lutador que assume esse papel para seu grupo, mas ao mesmo tempo representa o anti-herói, pois burla as regras sociais, no momento que rouba para salvar seus amigos, assim se torna um anti-herói.

A presente monografia tem como objetivo principal analisar no romance **Capitães de Areia** de Jorge Amado, a representação da figura do herói e do anti-herói da modernidade através do personagem Pedro Bala.

O interesse por esse estudo surgiu pelo apreço que depositamos nas obras de Jorge Amado e o livro em estudo, **Capitães da Areia** retrata a figura do herói e ao mesmo tempo do anti-herói. O Estudo em questão utilizou para a sua consecução a pesquisa qualitativa na modalidade bibliográfica, com base na interpretação do pensamento dos seguintes teóricos: Tringali (1994), Campbell (1997-2002), Pauletti; Botoso (2012), Cardoso (2017), Nascimento (2019), entre outros.

O trabalho teve como fundamento a seguinte problemática: O romance procura mostrar não apenas os assaltos e as atitudes violentas da vida rude, mas também as aspirações e os pensamentos ingênuos, comuns a qualquer criança. Pedro Bala é o chefe do grupo capitães da areia e passa toda sua trajetória liderando e mostrando sua coragem. Com todos os atributos verificados no enredo, as características do protagonista seriam compatíveis para representação da figura de herói e anti-herói? Consta-se que o protagonista Pedro Bala representa muito bem essa dualidade.

As considerações acerca do personagem farão com que se possa entender como ele é inserido na jornada do anti-herói parafraseando Joseph Campbell, “no Herói de Mil Faces” em que Campbell narra passo a passo a jornada do herói. Com os objetivos específicos tentamos

compreender por meio do contexto em que vive o protagonista, o real envolvimento com seu bando e analisar os pontos positivos e negativos em liderar um grupo de meninos de rua.

O trabalho monográfico está dividido em 3 capítulos, o primeiro capítulo intitulado “O Herói e O Anti-herói” aborda-se o percurso do herói e do anti-herói na literatura da antiguidade a modernidade.

O segundo capítulo intitulado, “Jorge Amado e Sua Trajetória” e “As Obras de Jorge Amado” apresenta o caminho do escritor na literatura e as obras por ele escritas.

O último Capítulo intitulado “**Capitães da Areia**: a luta pelo coletivo” e o subtítulo: “Pedro Bala: personagem de duas faces” analisa a obra, *Corpus* desta pesquisa. Observa-se que a partir das relações com as outras personagens e da relação da própria narrativa com a violência, acontece a transformação do mais violento dos personagens no herói da narrativa através, principalmente, da criação de uma dualidade constante entre o bem e o mal.

Tal dualidade pode ser compreendida quando perpassada pelo conceito de marginalização presente na obra de Jorge Amado.

Segundo Sinigaglia e Alves (2017) o abandono de crianças e as consequentes injustiças sociais são elementos que delineiam a obra **Capitães da Areia**, o enlace entre a vida real e a ficção é o que traz a obra, um recorte da realidade da sociedade baiana. E é por meio dos personagens deste romance, principalmente do protagonista, Pedro Bala que conhecemos a trajetória de um herói que tenta ajudar seu grupo a vencer as batalhas da vida. Porém, com a sede de vencer, não se preocupa em usar de meios ilícitos para obter os objetivos, dessa forma suas duas faces se fazem presente, tanto como a de um herói como de um anti-herói.

CAPÍTULO I: HERÓI E ANTI-HERÓI

1.1 O HERÓI

Em **A trilha do herói: da antiguidade à modernidade**, Lima e Santos (2011) discutem que a literatura pode ser compreendida como um amplo espaço que abarca muitos heróis, cujas obras literárias espelham o sistema social vigente e o herói expresse como personagem dominante que confere, de forma estratégica, luz e identidade a tal sistema.

Os heróis, são personagens que podem se originar das mais diversas camadas sociais, partindo da história política, socioeconômica e literária. Podemos asseverar que tais personagens podem vir da burguesia e elite, como também das camadas sociais mais baixas, rebelando-se contra governos despóticos e autoritários, posicionando-se de modo contrário as injustiças sociais advindas do sistema econômico. De outro modo, podemos inferir que o herói pode emergir como resultante da imaginação de diversas gerações e que posteriormente farão parte da literatura, apesar que podem tratar-se de pessoas reais que executaram “ações de grande generosidade que adquirem visibilidade por representar coragem, astúcia, sabedoria, ousadia. Neste caso, o herói defende uma causa que beneficia sua comunidade ou uma nação, lutando assim por igualdade e justiça social” (LIMA, SANTOS, 2011, p. 3).

Nesta perspectiva se encontra o personagem de **Capitães da Areia**, Pedro Bala que vivendo em um trapiche, sem condições dignas de vida, luta por uma vida melhor para si e para seu bando, mesmo sendo essa luta realizada por meios ilícitos, ele defende a causa que beneficia seu grupo.

Segundo Brandão “todas as culturas primitivas e modernas tiveram e tem seus heróis, mas foi particularmente na “Hélade” ‘conjunto de valores e ideais que confirmavam a civilização grega’ mostra que a estrutura, as funções e o prestígio religioso do herói ficaram bem definidos”. (BRANDÃO,1993, p.15). A etimologia da palavra héros do latim *seruare* quer dizer “conservar, defender, guardar, velar sobre, ser útil, donde herói seria o guardião, o defensor, o que nasceu para servir”. (p.16). Portanto, os heróis são figuras que defendem, guardam e são uteis e se sobressaem nos lugares onde passam por possuírem sagacidade e força física e algo de divino. Nesse sentido, Lima e Santos (2011) argumentam que

Os primeiros tipos de heróis foram os clássicos. Estes não são caracterizados como intelectuais, mas homens de bravura e coragem com muitas estratégias que são bem-sucedidas. Além disso, demonstram disposição para adquirir sabedoria e por isso estão num nível mais elevado do que outras pessoas que

possuem um estilo de vida que não representa destaque com características bem simples de sobrevivência e submissão social. Eles representavam o poder e a burguesia. O herói é quem leva a coragem ao máximo a ponto de sacrificar a própria vida por uma causa maior. As obras clássicas são construídas por determinadas classes sociais e permite nos compreender o passado, repensando-o, criando novas sensibilidades e novas sapiências para que se possa progredir no presente. (LIMA; SANTOS, 2011, p. 3).

Os poemas homéricos são as primeiras obras literárias da Grécia, evocam sucessos que se acreditava terem tido lugar no mundo micênico. No entanto, se colocou em questão uma série de anacronismos entre o mundo descrito nos poemas e a minuciosa burocracia dos micênicos. Também se defendeu que os poemas seriam a expressão do tempo em que haviam sido escritos, no entanto não podemos considerá-las como uma transcrição literal do mundo em que viveu o poeta, opinião menos defendida que a primeira. (AUSTIN; VIDAL-NAQUET, 1986). Para Jaeger (1994)

O valente é sempre o nobre, o homem de posição. A luta e a vitória são para ele a distinção mais alta e o conteúdo próprio da vida. A *Ilíada* descreve sobretudo este tipo de existência, condicionada, evidentemente, pela sua matéria. [...] Os heróis da *Ilíada*, que se revelam no seu gosto pela guerra e na sua aspiração à honra como autênticos representantes da sua classe, são, todavia, quanto ao resto da sua conduta, acima de tudo grandes senhores, com todas as suas excelências, mas também com todas as suas imprescindíveis debilidades. É impossível imaginá-los vivendo em paz: pertencem ao campo de batalha. Fora dele só os vemos nas pausas do combate, nas suas refeições, nos seus sacrifícios, nos seus conselhos (JAERGER, 1994, p. 40-41).

Ademais, consideram a existência de duas sociedades homéricas, uma exemplificada na *Ilíada*, uma sociedade em guerra, com relevância para o papel da aristocracia guerreira e onde as classes inferiores são relegadas, na *Odisseia* a um maior protagonismo de indivíduos mais humildes em detrimento da *Ilíada* (AUSTIN; VIDAL-NAQUET, 1986) Indo ao encontro de tal perspectiva (LIMA; SANTOS, 2011) acrescentam que as mais diversas situações históricas foram responsáveis por inspirar heroísmos, e diversos personagens do imaginário popular e das artes tem por base esses heróis, podendo, em diversas situações, construir personagens cuja trajetória são baseadas em pessoas que de fato existiram, assim, os diversos “movimentos culturais literários e artísticos inspiraram diversas atitudes heroicas ou serviram de pano de fundo para manifestos populares cujos líderes foram considerados heróis pelo povo, embora tenham sido duramente represados pelas minorias representantes do poder” (LIMA, SANTOS, 2011, 7).

O francês Charles-Pierre Baudelaire foi um poeta e teórico da arte. Ele configura a sua imagem como um mendigo que não necessita de recursos financeiros para conduzir sua

vida. Benjamin (1989, p. 73) mostra o conceito de modernidade na concepção do referido poeta afirmando que “o herói é o verdadeiro objeto da modernidade. Isso significa que, para viver a modernidade, é preciso uma constituição heroica”.

O conceito de herói está ligado à sociedade e a época em que foi criado. Pois, as virtudes inerentes a um herói devem estar em consonância aos valores de sua época e às necessidades de um povo. Os heróis surgem no momento que o ser sente que necessita de uma proteção espiritual, uma forma de proteção contra o medo do desconhecido.

Na Europa medieval, as realizações humanas não eram valorizadas, os católicos romanos da Europa ressaltavam a “vida” após a morte. A grandeza vinha de Deus, não do homem, o que imperava era o teocentrismo e os heróis cristãos eram os sacrificados, os missionários e os padres. Segundo Lukács:

O herói da tragédia sucede ao homem vivo de Homero, e o explica e o transfigura justamente pelo fato de tomar-lhe a tocha bruxuleante e inflamá-la com brilho renovado. E o novo homem de Platão, o sábio com seu conhecimento ativo e sua criação de essências, não só desmascara, o herói, mas ilumina o perigo sombrio por ele vencido e o transfigura na medida em que o suplanta”. (2000, p, 33)

Neste contexto o herói da tragédia é aquele que consegue apesar das adversidades restaurar a glória. Já em Platão a sabedoria pode superar o dito herói.

O herói clássico está em busca de ideais sociais e possui muita força de vontade, alcança muita honra e glória. Esse herói “encarna os ideais sociais, baseados na crença de que o homem, pela luz da razão e pela força da vontade consegue vencer os obstáculos” (D’ONOFRIO, 2006, p. 94).

No teatro trágico renascentista o herói “nem é justo e nem injusto, pois em ambos os casos não se dá o trágico. Se for injusto, a desgraça que lhe acontece, causa repulsa se for justo, a desgraça que lhe acontece causa satisfação” (TRINGALI, 1994, p. 53). Logo, nesse contexto, que a tragédia é levada pelo destino, já traçado. Ela provoca o medo e a piedade “medo pelo perigo que a todos ameaça, e piedade por um sentimento de fraternidade” (TRINGALI, Idem, p.53).

Segundo Feijó (1995, p. 14), “a mitologia grega pode ser resumida na vida dos deuses e heróis, sendo que os deuses tinham características humanas, como vícios e virtudes, e os heróis tendo características divinas, com poderes especiais, embora fossem mortais”. Portanto, para os deuses possuíam características dos humanos e os heróis apesar das características divinas eram mortais.

Na concepção de Jaeger (1986), o representante da base fundamental da tradição pedagógica clássica é Homero, que lança as bases do ideal moral da consciência helênica. E o segredo pedagógico do poeta residia na instituição dos exemplos heroicos, modelos de conduta a serem seguidos. A perspectiva do herói como um modelo a ser seguido pode ser percebida também na visão de Carlyle (1987). O autor defende que a história da humanidade é definida com a biografia dos grandes homens (heróis), cuja maneira de pensar transformou uma determinada sociedade: material, moral e espiritualmente. Estes dois autores, Jaeger e Carlyle postulam que há uma valorização da racionalidade e da moral, no qual a relação do herói com o mundo social é mediada por uma razão transcendente. O contraponto é feito com o recurso a Eco (2006), que trata o herói como sendo a projeção daquilo que o homem quer ser, porém não é. Pois o herói, na visão do autor italiano, é construído por uma indústria do consumo.

Para esses pensadores, o herói é um modelo a partir do momento em que se torna um referencial e sua conduta é inspiradora. Poder-se-ia ainda citar Hegel (1992), filósofo que concebe o herói como aquele que, em seu tempo, participa do desenvolvimento do espírito, ou seja, da consciência histórica como realização da liberdade, sendo o herói o grande homem capaz, por meio de seu referencial, conduzir a sociedade.

Para Levi (1990), numa obra em que retrata o campo de concentração de Auschwitz onde os homens perdiam sua humanidade diante das atrocidades nazistas, era necessário algo para que o homem recuperasse a sua humanidade e seus valores. Por meio da resistência dos poucos que subjugavam a força nazista, esses homens (judeus) representariam um modelo heroico que, para Levi (1990), era um ponto importante para superar o campo de concentração nazista. Porém como o próprio Levi (1990, p. 43) afirma: “Nem todos nascemos heróis”.

O herói, para assumir tamanha responsabilidade, não poderia ser um simples mortal, ter uma história de vida comum; é toda uma projeção mítica e lendária que circunda sua imagem. Por isso, sua origem está sempre relacionada à divindade, e, comumente, a sua existência está caracterizada a partir de uma infância misteriosa e oculta, em contraste com a sua vida adulta, constituída por provas libertadoras, como combates contra monstros, e com a obtenção da imortalidade (Campbell, 1997, p. 22). Hércules, filho de Zeus, pai dos deuses, e de Alcmena, simples mulher; protagoniza, como nenhum outro, este arquétipo do herói grego.

Nesse ínterim, a figura do homem/herói sobressai à dos deuses; o poder e o controle das coisas ainda passam pelas mãos divinas, mas a humanidade já possui uma certa autonomia. Esses fatos abrem caminho para o que Campbell (1997, p. 15) designa de “herói humano” e Feijó (1984, p. 22) de “herói histórico”. Neste processo de autonomia, é imperioso conhecer a relação primeira entre homens e deuses; também é interessante apresentar um imortal que

passou a ser um intermediário entre o divino e o humano, contribuindo para que estes alcançassem alguma independência – Prometeu, o ardiloso.

Na verdade, esses heróis representam bem a sociedade grega arcaica, pois são os "melhores" (aristoi), superiores aos outros, mas, em princípio, simples mortais, mesmo se filhos de deuses ou deusas. Não se distinguem dos outros mortais, não são invulneráveis. Representam, contudo, a excelência humana, grandes, belos, fortes, são os nobres reis e poderosos guerreiros. Por mais que passem por grandes dificuldades e provações, e ainda que sua grandeza seja maculada por uma série de vilanias, tudo contribuirá antes para sua elevação do que para depreciação.

Segundo Trajano (2021), as leituras historiográficas tradicionais feitas a partir das fontes do mundo antigo se esforçam em construir e manter ideias acerca de um mundo das mulheres, restrito aos espaços domésticos, enquanto aos homens estava destinada naturalmente à coragem, à política em sentido deliberativo, as guerras e por consequência a representar a figura do herói na antiguidade. Apesar disso, a análise da obra **Antígona** de Sófocles, por Trajano (2021) traz a lume a ideia de heroína, através da personagem Antígona que subverte o tradicionalmente esperado das mulheres gregas e veste-se de heroísmo ao lutar por ideais coletivos, obedecendo a leis divinas e abrindo mão da própria vida, para a autora

A tragédia fala para a Atenas Clássica, dirige-lhe avisos e considerações, ela alerta aos poderosos que a empáfia e a soberba voltam-se contra eles. A heroína veste-se de subversão para enfrentar o representante do Estado e, mesmo morta, sai ornada de glória em comparação com a irmã, que assumindo sua condição ideal de mulher foi, assim como Creonte, condenada ao mesmo castigo. Deste modo, analisar a Antígona de Sófocles é apertar feridas presentes em nossa sociedade, abertas e terrivelmente trágicas (TRAJANO, 2021, p. 32).

Segundo Kothe (1987, p.16), “nenhum herói é épico por aquilo que faz; ele só se torna épico pelo modo de ser apresentado aquilo que faz”. Qualquer ato do herói que pareça obscuro será relevado e colocado em segundo plano; afinal ele é um ser supremo, digno de muitas honras, filho de deuses; todas as suas ações são dignas e louváveis.

De fato, a figura do herói e sua representação na literatura não mudara repentinamente, mas passara por um processo que refletiu a história da transformação do próprio homem na sociedade. Na Idade Média, por exemplo, o herói já começa a configurar-se sob um enfoque diferente do clássico. Isso pode ser observado nas novelas de cavalaria, que são descendentes diretas das chamadas canções de gesta. Trata-se de longas narrativas em prosa, geralmente enaltecendo os feitos e as virtudes de uma personagem principal, um guerreiro que se destaque

entre os seus, quer por habilidade com as armas, quer por força física. Em sua essência, são muito semelhantes aos heróis dos antigos poemas épicos da Antiguidade Clássica, entretanto, diferenciando-se pelo seu caráter individualista em contraponto ao coletivo das epopeias gregas e romanas. Enquanto os clássicos encaravam o herói como um ícone da comunidade em que estava inserido, como um representante de todos os ideais e crenças dessa coletividade, os autores dessas canções de gesta já permitiam aos seus heróis alguma fraqueza, ou, pelo menos, alguma diferença na sociedade que o cercava, numa antecipação do que seria o futuro arquétipo do herói romântico, uma personagem que busca valores autênticos e em uma sociedade corrompida.

A figura do herói, sob o prisma clássico, vai sendo aos poucos desconstruída, o herói passa a ser inserido no seu próprio tempo. Apesar de ser possível identificar, em períodos remotos, mudanças nos aspectos constitutivos do herói; estas não são efetivamente significativas, pois o herói ainda é amado e louvado pela sociedade embora acalente desejos individualistas. Assim, sua representatividade literária ainda reflete aspectos elitizantes do seu tempo, assim como o herói épico representava a aristocracia dominante.

1.2 O ANTI-HERÓI

Os anti-heróis são personagens não inerentemente maus que, às vezes, praticam atos moralmente questionáveis. No entanto, o anti-herói, diferente do vilão, costuma obter aprovação, seja através de seu fascínio, seja por meio de seus objetivos muitas vezes justos ou ao menos compreensíveis, o que jamais os torna lícitos. A malandragem, por exemplo, é uma ferramenta tipicamente anti-heroica.

Em **A subversão de Antígona: gênero e cidadania na Atenas Clássica**, Trajano (2021), utilizará a análise da personagem Antígona comparada a de Creonte para asseverar o caráter heroico da personagem Antígona em detrimento de Creonte, que por representar a antítese do heroísmo grego, voltado aos valores da polis e de um ideal de comunidade e cidadania seria em si a representação de anti-herói, vejamos:

Antígona se arma de prerrogativas inerentes aos homens gregos, a exemplo da Andreia, como instrumento de defesa do seu direito natural de enterrar os seus mortos, estando a personagem em plena consonância com o divino, que não deixa de ser inerente ao universo feminino. Ao passo que Creonte se esmera na manutenção de sua coragem e força, exercida através do seu poder coercitivo, do édito que impedia o sepultamento do cadáver de Polínicos, Antígona paga com sua vida por infligir o poder de um rei, mas encera em si

os ideais de comunidade inerentes à pólis. Abre mão de si mesma, do leito nupcial, do amor de um príncipe que por ela se mata para cumprir as obrigações de prestar honras fúnebres, obrigação essa de extrema relevância para à pólis. Assim, a mulher, que se sacrifica pela comunidade, apesar de morta, personifica em si a figura da heroína que vai de encontro a um rei que é, por suas ações a antítese da democracia ateniense, tão cara para os cidadãos e cidadãs da Atenas Clássica (TRAJANO, 2021, p. 30).

Partindo da análise citada, podemos compreender que tanto o herói como o anti-herói podem apresentar uma gama de significados que não encerram em si, apenas uma única prerrogativa. Nesse sentido, Cardoso (2017, p. 30) dilucida que, tais personagens, os anti-heróis, “não se ajustam aos modelos tradicionais da figura heroica; até se contrapõem a eles. Mas pode haver grande vigor nessa oposição. Implícita ou explicitamente lançam dúvidas sobre valores que vêm sendo aceitos ou que foram julgados inabaláveis. Para Cléa Fernandes Ramos Valle e Verônica Telles (2014)

Utiliza-se da classificação de anti-herói para precisar a personagem pícaro apresentando-o como uma antítese do herói cujas ações-funções são descritas como modelares, pensadas no bem comum e pautadas pela ética. Uma das características do pícaro é obter o máximo trabalhando o mínimo possível. A sátira ou o cômico surge a partir das ações absurdas de seus heróis. Tal perspectiva pode ser observada na personagem João Grilo em O Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna (1957), que, a fim de "ganhar um dinheirinho extra", burla uma mulher, vendendo um gato que "descome dinheiro"(RAMOS; TELLES, 2014, p. 6).

O herói moderno é praticamente um anti-herói, pois pode ser um homem de negócios, um político, ou seja, pessoas de todas as classes sociais, repleto de virtudes ou de defeitos. Segundo Bosi (2003), o romancista põe em voga na literatura o papel do herói problemático, um personagem que entra em atrito com o que já está estabelecido, esse personagem quer modificar o contexto em que vive. Este herói quer novas proposta, possui sua própria ideologia, e consegue sobreviver se defendendo do meio que o rodeia. Portanto, pode construir proteção para se defender do mundo problemático em que vive. O anti-herói poderia estar inscrito em duas mãos ao mesmo tempo, praticar o bem por meios não lícitos, pois cansado das injustiças resolve fazer justiça.

Confirma-se essa concepção com Evangelista que afirma ser: “Personagens com honra, cansados das injustiças e da corrupção da sociedade fazem justiça com as próprias mãos e cujas

atitudes são marcadas por serem levadas ao extremo em uma tríade composta por vingança, violência e subversão de valores morais” (2017, p.3).

O anti-herói pode ser visto como o oposto do herói, normalmente é o personagem principal numa obra de ficção, porém carente de qualidades mais popularmente associadas ao herói, como coragem e dignidade, nesse sentido, a “indústria cultural transfere as características da dominação da técnica para os bens culturais na modernidade, adaptando os produtos a um consumo de massa, aliado aos interesses do capital para construir um grande sistema, onde herói e anti-herói cumprem algum papel” (CARDOSO, 2017, p. 29). Não obstante, o anti-herói não é o oposto do herói, esse seria o vilão, e não devem ser confundidos visto que possuem personalidades distintas. Jonathan Michael (2013) assevera que

The “anti-hero” (also known as the flawed hero) is a common character archetype for the antagonist that has been around since the comedies and tragedies of Greek theater. Unlike the traditional hero who is morally upright and steadfast, the anti-hero usually has a flawed moral character. The moral compromises he or she makes can often be seen as the unpleasant means to an appropriately desired end—such as breaking a finger to get answers—whatever it takes for the protagonist to come to justice. Other times, however, the moral flaws are simply moral flaws, like alcoholism, infidelity, or an uncontrollable and violent temper (MICHAEL, 2013, p. 1).¹

O anti-herói também pode ter como característica o eventual desapego emocional de elementos normalmente protegidos pelo herói, como a família e a comunidade, por exemplo. O código de conduta do anti-herói é particular, não o expresso na moral social prevalecente. Ele se aproxima empaticamente de nós por ter algumas das nossas fragilidades, e é, então, um intermediário entre o herói e o vilão. O espectador vê o herói como uma versão melhorada de

¹ O “anti-herói” (também conhecido como herói falho) é um arquétipo de caráter comum para o antagonista que existe desde as comédias e tragédias do teatro grego. Ao contrário do herói tradicional que é moralmente correto e firme, o anti-herói geralmente tem um caráter moral falho. Os compromissos morais que ele faz podem, muitas vezes, ser vistos como os meios desagradáveis para um fim apropriadamente desejado - como quebrar um dedo para obter respostas - o que for necessário para que o protagonista compareça à justiça. Outras vezes, no entanto, as falhas morais são simplesmente falhas morais, como o alcoolismo, a infidelidade, ou um temperamento incontrolável e violento. (MICHAEL, 2013, p. 1, *tradução nossa*).

si, mas enxerga o anti-herói como ele próprio, com seus defeitos, já que ele faz coisas que qualquer um gostaria de fazer na situação em que ele se encontra.

O protagonista de **Capitães da Areia** se encaixa nessa versão de anti-herói, pois com seus defeitos, não se apega aos preceitos morais da sociedade, ele procura viver como pode, sem medo de ser repreendido.

Os personagens mais próximos da realidade, com ambiguidades iguais ou parecidas com as nossas, preterindo o heroísmo extremado ou a vilania indivisível. A diferença é que esses personagens fazem o que a maioria de nós não consegue: fazer algo a partir de meios eticamente questionáveis para atingir finalidades eticamente válidas. Nesse sentido, o “anti-herói, mais vividamente talvez do que o herói, contesta nossas pressuposições, suscitando mais uma vez questões de como nós nos vemos ou queremos ver. O anti-herói é amiúde, um agitador e um perturbador” (CARDOSO, 2017, p. 43).

Nestes casos, a temporalidade se faz importante pois, ao acompanhar a trama e conhecer o personagem e seus desejos, medos e angústias, o público passa a torcer por esse protagonista, já que ambos compartilham do mesmo propósito.

Segundo Cardoso (2017) o anti-herói apresenta revestido em sua efígie, diversas tensões inerentes e inquietantes do espírito humano, quais sejam, os conflitos entre valores coletivos e valores individuais, descontinuidades históricas e temáticas, a negação do conformismo, os questionamentos profundos da autoridade na tentativa de atribuir a ela novas perspectivas que em si são subversivas a elas, verifica-se então que o anti-herói emerge para contestar padrões estabelecidos previamente e apresentados como verdade absolutas pela figura do herói, reside portanto no anti-herói a notoriedade do não heroico, ou seja, a crítica que pode ser evocada em qualquer temporalidade ou qualquer contexto histórico social. Ademais,

Percebe-se que a figura do anti-herói, aparentemente, é mais significativa e profícua que a do herói tradicional, conquanto apresente corajosa lucidez e fidelidade ao aspecto estritamente humano. Por isso, principalmente na modernidade, há uma certa hostilidade ao heroico, uma vez que o conceito de herói traria lições de falsa liberdade e perigosos modelos na história. Insistindo em que o heroísmo não é, afinal, um valor supremo, desconfiando de atitudes heroicas e retóricas heroicas (CARDOSO, 2017, p. 44).

Para nós, o anti-herói subverte um conjunto de características, pré-estabelecidas que comumente definiriam um herói, entretanto, como veremos no próximo capítulo, Jorge Amado e sua Trajetória, incorporam elementos únicos, emoldurados por aspectos sócio culturais

tipicamente baianos que darão a suas obras e seus personagens características únicas e que extrapolam os estereótipos comumente atribuídos a heróis e anti-herói.

CAPÍTULO II: JORGE AMADO E SUA TRAJETÓRIA

Neste capítulo trataremos acerca da biografia do escritor Jorge Amado, bem como toda a sua trajetória. Jorge Amado (1912-2001) foi um escritor brasileiro, um dos maiores representantes da ficção regionalista que marcou o Segundo Tempo Modernista. Sua obra é baseada na exposição e análise realista dos cenários rurais e urbanos da Bahia. Para Calixto (2011, p. 15) Jorge Amado procurou fazer de sua vida um exemplo das características e aspectos positivos da miscigenação cultural e racial do Brasil, assim como “também dos bens da cultura popular. Isto tanto através de uma leitura retrospectiva de sua trajetória, como pela forma como o autor procurou construí-la e exibi-la no seu dia a dia, no seu comportamento, nas suas obras, nas suas relações sociais, na sua imagem, nas suas declarações”.

Jorge Amado de Farias nasceu na Fazenda Auricídia, em Ferradas, município de Itabuna, Bahia, no dia 10 de agosto de 1912. Filho de João Amado de Faria e Eulália Leal Amado, fazendeiros de cacau. Em janeiro de 1914 mudou-se com a família para a cidade de Ilhéus, onde passou a infância. Com 11 foi estudar no Colégio Antônio Vieira, em Salvador, onde aprendeu o gosto pela leitura com o padre Cabral. Nos meados dos seus 12 anos de idade fugiu do internato e foi para Itaporanga, em Sergipe, onde morava seu avô. Depois de alguns meses, seu pai mandou buscá-lo e sem desejar voltar para a escola, Jorge foi plantar cacau. Passados seis meses já no meio do povo, tomou conhecimento da luta entre fazendeiros e exportadores de cacau, que iria marcar fortemente sua obra romancista. Em Salvador, ingressou no Ginásio Ipiranga, onde fez o curso secundário. Ligou-se à "Academia dos Rebeldes", um grupo de jovens, chefiado por Pinheiro Viegas que tinha como objetivo a renovação literária.

Algum tempo se passou e Jorge Amado já havia dirigido dois jornais: “A Pátria” o jornal oficial e “A Folha” fundado por ele, que contestava A Pátria. Com 14 anos estreou na revista “A Luva” com um poema de feições modernistas. Freqüentador de candomblés desde muito cedo, Jorge Amado tornou-se amigo de pais-de-santo perseguidos pela polícia. Em seus livros **Jubiabá** e **Tenda dos Milagres**, esses fatos são relatados. Em 1930, Jorge Amado mudou-se para o Rio de Janeiro. Em 1931 ingressou na Faculdade de Direito. Os rituais de candomblé de Jubiabá (1935) são narrados por Jorge Amado muita vivacidade, tendo inclusive

com “cantos em yorubá e no capítulo "Macumba", descrevem-se sons de atabaque que fazem o corpo vibrar, a disposição em que as pessoas se sentam no centro da sala, o momento em que as iniciadas da casa começam a receber santos e assim por diante” (GOLDSTEIN, 2002, p. 109-117).

Em 1932, publicou seu primeiro romance **O País do Carnaval**, que narra a tentativa frustrada de um intelectual brasileiro, de formação europeia, de participar da vida política e cultural brasileira. Tendo fracassado regressa à Europa.

Em 1933 lança seu segundo livro *Cacau*, que teve vários exemplares apreendidos. Em 1936, Jorge foi preso, por pertencer à Aliança Libertadora Nacional, junto com outros intelectuais, entre os quais Graciliano Ramos.

Em 1937 publica **Capitães da Areia**, que retrata a vida de menores “delinquentes” da Bahia. A obra é apreendida pela censura do Estado Novo, e ele é novamente preso. Em 1941 refugia-se na Argentina e começa a redigir *O Cavaleiro da Esperança*, que relata a vida de Luiz Carlos Prestes.

No ano de 1961, Jorge Amado candidata-se à Academia Brasileira de Letras. É eleito por unanimidade, onde ocupou a cadeira n.º 23. Nesse mesmo ano, publica **Os Velhos Marinheiros**. Em seu discurso de posse, proferido na Academia Brasileira de Letras em 17 de julho de 1961, Jorge Amado afirmou que

Quanto a mim, felizmente, muita pedra atirei contra vossas vidraças, muito objetivo grosso gastei contra vossa indiferença, muitas vezes gritei contra vossa compostura, muito combate travei contra vossas forças. Minha geração surgida na onda de um movimento armado e popular tinha sua palavra a dizer, feita de realidade áspera e de densa esperança. Chegávamos com o coração pesado de penas e dores ante a visão de nosso povo despojado de suas riquezas, pasto de apetites estrangeiros, humilhado em suas grandezas. Devíamos assim romper com todos os muros e impelir o eco da nossa palavra, nosso duro protesto. Tomamos de nossas armas ainda imperfeitas e partimos contra tudo quanto nos parecia representação daquele passado, inclusive a Academia Brasileira. Só o tempo e a vida podem ensinar ser a Academia em sua continuidade conjugação de passado, presente e futuro. Se um jovem, ao iniciar-se na vida e na literatura, disser compreender e aceitar tal verdade será quase certamente um oportunista, um carreirista, um pobre diabo (DISCURSO, 1961, p. 1).

O discurso de Jorge Amado ao tomar posse na Academia Brasileira de Letras em 1961 vai ao encontro de Calixto (2011, p. 17) que considera que a “rebeldia, intolerância, que caracterizaram os seus primeiros anos como escritor foram compreendidas como etapas necessárias de um processo de maturação pessoal e intelectual”. Ademais, Goldstein (2002)

afirma que o escritor se relacionou bem com políticos que apoiaram a ditadura e também com comunistas, conhecedor de etnografias, mas ao mesmo tempo possuído do “cargo de ‘obá’ em um terreiro de candomblé; é querido pelas camadas populares e também pela elite, além de alimentar uma relação bastante próxima com seus admiradores e delinear sua imagem pública como a de um de seus heróis malandros (GOLDSTEIN, 2002, p. 117).

Nesse sentido, Calixto (2011, p. 17) acrescenta que “apesar de soar como posições opostas e irreconciliáveis, pode-se dizer que dentro da lógica que Amado passou a atribuir a sua trajetória, elas se tornaram compreensíveis”. A rigor, coube a Jorge Amado a escrita de vasta bibliografia e a construção de relações e uma imagem pública que lhe permitiu alcançar inegável fama e renome internacional, levando personagens comuns da sociedade baiana aos mais distantes recantos do mundo, através de sua escrita.

. Para Calixto (2011) a Bahia, onde nasceu Jorge Amado, foi o cenário de muitas de suas obras, cuja representação da nação é algo latente, entendida principalmente pela originalidade da cultura brasileira e da mistura das raças, entretanto “a questão de caráter nacional não é algo de todo explícito nas obras de Jorge Amado, embora seja uma chave interpretativa muito corrente, nem é a única ou a soberana forma de compreender o significado da vida e obra do escritor” (CALIXTO, 2011, p. 9).

Para Ilana Seltzer Goldstein (2002) de modo geral, os pronunciamentos e escritos de Jorge Amado referem-se, em maior ou menor rigor a constituição histórica do país, sua formação, à mestiçagem “bio-cultural”, bem como, das "características" dos brasileiros. A Bahia, em todos seus aspectos, a exemplo do cotidiano, da paisagem marítima, das festas, pobreza, comida, capoeira e os cultos afro-brasileiros fornecem a moldura que envolverá suas criações. Ademais,

Grosso modo, na representação que Jorge Amado constrói do Brasil habita a crença de que, entre nossas virtudes, estão: a grande mestiçagem cultural e biológica entre índios, africanos e europeus; a exaltação dos cinco sentidos e dos prazeres sensuais; o amor à festa e a alegria de viver; a tolerância racial, a solidariedade; e, finalmente, a excepcional riqueza da cultura popular brasileira, na música, no artesanato, na culinária, nas trovas populares (GOLDSTEIN, 2002, p. 109-110).

Para Calixto (2011) a vinculação de sua imagem a um discurso associado a identidade nacional partiu do próprio autor, principalmente do sentido dado as suas obras a partir da segunda metade dos anos 1950, quando as mudanças que ocorriam em sua literatura e o

entendimento que ele próprio desenvolvia de seu papel como intelectual, isso pode ser evidenciado através da publicação de Gabriela Cravo e Canela.

2.1 OBRAS DE JORGE AMADO

Na bibliografia de Jorge Amado da (Academia Brasileira de Letras) encontramos o levantamento de sua vasta produção bibliográfica: **O país do Carnaval** (1931), **Cacau** (1933), **Suor** (1934), **Jubiabá** (1935), **Mar morto** (1936), **Capitães de areia** (1937), **A estrada do mar** (1938), **ABC de Castro Alves** (1941), **O Cavaleiro da Esperança** (1942), **Terras do sem fim** (1943), São Jorge dos Ilhéus, 1944. Bahia de Todos os Santos, 1945. Seara vermelha, 1946. O amor do soldado, 1947. **O mundo da paz** (1951), **Os subterrâneos da liberdade I**, **Os ásperos tempos** (1954), **Os subterrâneos da liberdade II**, **Agonia da noite** (1954), **Os subterrâneos da liberdade III**, **A luz no túnel** (1954), **Gabriela, cravo e canela** (1958), **A morte e a morte de Quincas Berro d'Água** (1961), **Os velhos marinheiros ou o Capitão de longo curso** (1961), **Os pastores da noite** (1964), **Dona Flor e seus dois maridos** (1966), **Tenda dos milagres** (1969), **Teresa Batista cansada de guerra** (1972), **O gato Malhado e a andorinha Sinhá** (1976), **Tieta do Agreste** (1977), **Farda, fardão, camisola de dormir** (1979), **Do recente milagre dos pássaros** (1979), **O menino grapiúna** (1982), **A bola e o goleiro** (1984), **Tocaia grande** (1984), **O sumiço da santa** (1988), **Navegação de cabotagem** (1992), **A descoberta da América pelos turcos** (1994), **O milagre dos pássaros** (1997), **Hora da guerra** (2008).

Jorge Amado iniciou sua carreira de escritor com obras de cunho regionalista, que caracterizou o “Segundo Tempo Modernista” (1930-1945), que retrata a vida urbana de Salvador. Sua obra de fato apresenta forte preocupação político-social que denuncia em um tom seco, lírico e participante, a miséria e a opressão do trabalhador rural e das classes populares, como é o caso de País do Carnaval e **Capitães da Areia**.

A livro Capitães da Areia foi adaptado para o cinema. A mais recente adaptação de Capitães da Areia fez parte das comemorações do centenário do escritor. O roteiro e a direção ficaram a cargo da neta de Jorge Amado, Cecília Amado, e contou com um elenco jovem, escolhido a partir de projetos sociais.

Para o leitor, a adaptação serve como apreciação, já para o não leitor é um filme nacional bem produzido, fotografia impecável e cenas que destacam a beleza da Bahia e sua cultura. A

propósito, a baianidade de Jorge Amado, o culto as suas tradições, foram mantidos e muito bem representados, reverenciados por uma belíssima trilha sonora assinada por Carlinhos Brown.

O choque inicial para o leitor fica por conta da idade dos meninos, eles realmente são muito novos para fazer tudo o que fazem e passar por tudo o que passam. Porém, cenas polêmicas ficaram de fora, como o estupro praticado por Pedro Bala e o desfecho do Sem Pernas. O fim foi poético, e sensível, trazendo diferenças significativas em relação ao livro.

A adaptação de Capitães da Areia não foi capaz de mostrar toda a alma e a essência dos personagens do livro, contudo um filme é pouco para dar vida a toda a história. Elas pulsam, são vivas e reais. O filme de fato não passou de uma introdução a obra literária. Neste caso, é importante separar e apreciar as duas formas de arte, cinema e literatura.

Jorge Amado e sua poesia foi ganhando força e amadurecendo e o mesmo voltou-se para as fazendas de cacau em Ilhéus e Itabuna, para a seca, a exploração do trabalhador urbano e rural e para o coronelismo latifundiário, como **Cacau, Terras do Sem-fim e São Jorge dos Ilhéus**.

Retornou ao Brasil em 1945 e ligado ao Partido Comunista, Jorge Amado foi eleito deputado federal por São Paulo. Em 1948 tem seu mandato cassado e vai residir em Paris. Em 1950 muda-se para a Tchecoslováquia, onde escreve **O Mundo da Paz**. Em 1951 recebe em Moscou pelo conjunto de sua obra, o Prêmio Internacional Stalin. Em 1956 retorna ao Brasil. Em 1958 escreve o livro mais famoso de sua obra: **Gabriela Cravo e Canela**, onde “é a culinária baiana que sobressai ao lado de outras referências sensoriais. Gabriela é imbatível no fogão. Nem um chef de cuisine francês consegue fazer uma comida que chegue perto da sua” (GOLDSTEIN, 2002, p. 118). Era o início da segunda fase de sua obra, caracterizada pelo tratamento satírico e humorístico dos textos, sem prejuízo das intenções da crítica social.

Em 1963 deixa o Rio de Janeiro e volta a residir na Bahia. Em 1969 publica **Tenda dos Milagres** e, em 1972 publica **Tereza Batista Cansada de Guerra**. Em 1976, a obra recebe o Prêmio Lila. Em 1977 publica **Tieta do Agreste**. No que concerne a obra **Tenda dos Milagres** Carolina Fernandes Calixto observa que ele não obteve o mesmo sucesso de Gabriela Cravo e Canela, a rigor, nenhuma outra obra de Jorge Amado,

Em Tenda, diferentemente de Gabriela, o que chamou a atenção não foi nenhuma ruptura ou mudança significativa na trajetória intelectual ou político-ideológica de Amado, mas sim um suposto amadurecimento literário de seu autor, levando a inovação na sua escrita. Além disso, haveria nesta obra uma definição muito clara de seu entendimento a respeito da mestiçagem étnico-racial brasileira (CALIXTO, 2011, p. 124).

Jorge Amado também fez parte da Academia de Ciências e Letras da República Democrática da Alemanha; da Academia das Ciências de Lisboa; da Academia Paulista de Letras; e membro especial da Academia de Letras da Bahia

No que diz respeito à família e amigos, Jorge Amado foi casado com a escritora Zélia Gattai (1916-2008), que aos 63 anos começou a escrever suas memórias, **Anarquistas, Graças a Deus**, a que se seguiram, **Um Chapéu para Viagem, Senhora Dona do Baile, Jardim de Inverno** e outros.

Jorge e Zélia tiveram dois filhos, João Jorge e Paloma. O casal vivia cercado de amigos, entre eles, Frederico Fellini, Alberto Moravia, Yves Montand, Jorge Semprún, Pablo Picasso, Oscar Niemeyer, Vinícius de Moraes, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir.

Entre suas obras adaptadas para a televisão, cinema e teatro estão: **Dona Flor e Seus Dois Maridos, Gabriela Cravo e Canela, Tenda dos Milagres e Tieta do Agreste**.

Jorge Amado faleceu no dia 6 de agosto. Seu velório foi realizado no Palácio da Aclamação em Salvador. Foi cremado e suas cinzas foram colocadas ao pé de uma mangueira, em sua casa na Bahia.

Atualmente, uma adaptação para teatro de **Dona Flor e Seus Dois Maridos** dirigida por Pedro Vasconcelos faz turnê pelo Brasil. No papel de Vadinho está Marcelo Faria. De Dona Flor, Fernanda Paes Leme e no papel de Doutor Teodoro, Duda Ribeiro. Para José Luiz Fiorin em Dona Flor “a personagem central poderia ser vista como a síntese da cultura brasileira: a mistura do princípio do sonho e da realidade, do prazer e do dever, da irresponsabilidade folgazona e do trabalho duro, figurativizados por Vadinho e por Teodoro” (2009, p. 120).

O romancista estaria mais identificado como um herói popular, próximo ao povo, parecido com o povo e defensor do povo. Entretanto, como todo herói, o escritor é visto como alguém de personalidade invulgar, cujos atributos singulares da alma estariam expressos em um caráter exemplar, e por isso, digno de ser celebrado. É de acordo com esta lógica, que os relatos produzindo no post mortem do autor ajudam na análise da forma como se consagrou a memória sobre Jorge Amado, e em especial aquela que o identifica como ícone nacional. Quanto a isso, Carolina Fernandes Calixto assevera que

É notável que a compreensão otimista e cordial que Amado fazia do Brasil, articulando ideais distintos da democracia racial, do nacional-desenvolvimento, e do nacional-popular, e que projetava positivamente a imagem do país, interna e externamente chamasse a atenção de governantes e intelectuais. Assim o sucesso do romance, mesmo entre aqueles que tradicionalmente condenavam a literatura de Amado, foi fundamental para que o autor se tornasse conhecido, respeitado e admirado em rodas intelectuais

antes fechadas a ele, como também foi deveras importante para que fosse convidado pelo governo para atuar no campo político cultural (CALIXTO, 2011, p. 121).

A identificação de sua trajetória e imagem com os aspectos que caracterizavam a sua interpretação de Brasil, não se limitaram, entretanto, a questão étnico-racial. O autor evidenciou igualmente em suas declarações uma vida ao lado do povo, dos mais pobres e miseráveis, bem como o conhecimento adquirido nesta sua vivência, apesar de ter nascido em uma família abastada de fazendeiros de cacau e ter frequentado colégios da elite.

Dessa forma descreveu-se uma imagem do intelectual não só como representante ou porta-voz do povo, mas também identificado com ele. Neste sentido Jorge Amado foi aos poucos se fazendo criatura, misturando-se aos personagens criados por ele, gentes do povo, como mestres de saveiros, meninos de rua, quituteiras, capoeiristas, malandros, prostitutas, nos gostos e atitudes, o que acabou lhe configurando uma aura de identidade folclórica inseparável da Bahia.

CAPÍTULO III: CAPITÃES DA AREIA: A LUTA PELO COLETIVO

O romance é narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente que participa com seus comentários, muitas vezes sutis, mas sempre pertinentes aos Capitães da Areia. Na presente narrativa, Jorge Amado conta a história de crianças de rua, Amado descreve uma construção abandonada da qual os Capitães da Areia passam a tomar posse e estão condenados a viver num espaço semidestruído, que servia de pousada para ratos e cães abandonados, no qual apenas passavam a noite. Durante o dia, se ocupavam em tentar arranjar o que comer e vestir, tendo muitas vezes que roubar para conseguir sobreviver.

A obra se inicia com algumas reportagens sobre o problema das crianças de rua tidas como “delinquentes”. Após a primeira reportagem, o jornal passa a publicar várias cartas enviadas à redação; cartas que transformam o assunto em debate e mostram a sociedade desigual, opondo ricos e pobres, opressores e oprimidos, consentidos e rejeitados.

O painel introdutório costurado com ironia retrata desprezo e a insensibilidade com a miséria sem vez e sem voz. Daí parte Jorge Amado para contar a História dos Capitães da Areia, nome de um grupo de meninos de rua de Salvador. Na obra literária “Jorge Amado descreve, de forma bastante realista, o cotidiano do grupo, centrando as ações na vida dos menores e as

aventuras destes meninos abandonados que roubavam, esmolavam e trapaceavam para garantirem a sobrevivência nas ruas de Salvador” (PAULETTI; BOTOSO, 2012, p. 82).

Entre o planejamento de furto, a realização do plano, uma briga com outros meninos, uma aula de capoeira com Querido de Deus, uma visita de Don’ Aninha – mãe de Santo- ou de Padre José Pedro, Jorge Amado vai apresentando as personagens. Pedro Bala, o menino que conquista pela coragem a chefia do grupo; professor, o único que sabia ler e contar histórias de jornais e livros para o grupo; Pirulito, que rezava todas as noites e tinha em seu canto um altar com várias imagens de Santos; Sem-pernas, que odiava como todos o tratavam; Volta Seca, que sonhava sempre em ir para o bando de Lampião; Gato, Boa-vida; todos se sentiam irmãos.

Mas é a vida de Pedro Bala que vai, ao longo do romance, ganhando destaque e se repete a ideia de que as condições sociais empurram esses meninos para as ruas e assaltos:

Eles roubavam e furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e policias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se fazia tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem aquilo morreriam de fome por que eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir o outro. E nem toda a cidade poderia dar a todos. (AMADO, 1998, P. 100).

O trecho foi retirado de um episódio em que Pirulito refletia sobre a vida que os capitães da Areia levavam, sobre como aquela vida não era uma opção, mas sim uma posição da sociedade e, sobretudo, uma questão de sobrevivência. Observa-se na obra que a bondade, a ingenuidade, a inocência infantil representava o contraponto que Jorge Amado construiu para denunciar a situação daquelas crianças, retomando a sua própria humanidade. A única coisa que restava aos meninos era a liberdade que possuíam vivendo nas ruas, e esse sentimento é sempre valorizado. Por isso, quase no final do romance, todos se sentem muito ameaçados por terem sido presos durante a prática de furtos. Nesse sentido,

O escritor aproveita o enredo para mostrar as diferenças de classes, as desigualdades sociais entre ricos e pobres, a má distribuição de renda, a exclusão dos menores de rua por parte da população e do governo e os efeitos da marginalidade nas crianças e adolescentes, discriminados por um sistema social perverso. Ao conduzir a história em função dos destinos individuais de cada participante do grupo, ele ilustra, de um lado, a marginalização definitiva de uns como no caso de Sem-Pernas e Volta-Seca, e de outro, a tomada de consciência de personagens como Professor, Pirulito e Pedro Bala (PAULETTI; BOTOSO, 2012, p. 82).

Antes de discutir a obra **Capitães da Areia** é preciso entender que o fio condutor do romance será a crítica de Jorge Amado a exclusão social, nesse sentido “o excluído moderno é, assim, um grupo social que se torna economicamente desnecessário, politicamente incômodo e socialmente ameaçador, podendo, portanto, ser fisicamente eliminado. É este último aspecto que funda a nova exclusão social”. (NASCIMENTO, 2019, p. 81). Uma exclusão exposta diariamente nas ruas das cidades brasileiras, com isso

Os mendigos dormindo nas ruas, em pleno dia, e as pessoas que vão às compras ou ao trabalho passando por cima deles ou evitando-os, é uma imagem emblemática. Os prostrados no solo não são vistos como semelhantes, mas como bichos, espécies distintas. Estão sujos, cheiram mal e são feios. Não são homens ou mulheres, embora um dia talvez o tenham sido. Pedacos perdidos da Humanidade. Invadem as calçadas, incomodam. Os que vão às compras ou ao trabalho sentem-se incomodados (NASCIMENTO, 2019, p. 58).

Analisar **Capitães de Areia**, bem como as desigualdades sociais retratadas por Jorge Amado, não se dissocia, para nós do pensamento freiriano. Em **A importância do ato de ler**, Paulo Freire (1989) considera que a leitura crítica da realidade, ocorrendo em um processo de alfabetização ou não, e associada a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica. Ademais, a relevância do ato de ler, implica constantemente em uma percepção crítica, interpretação e "re-escrita" do lido (FREIRE, 1989, p. 14). Consideramos a leitura das realidades, as quais a obra ficcional expõe é de fundamental relevância para o presente capítulo, haja vista que ficção, realidade se misturam em **Capitães da Areia**, tendo por moldura, a Bahia, sobre o olhar meticuloso e poético de Jorge Amado. No que concerne aos Capitães da Areia, evidencia-se o estigma a eles atribuído como demonstrado nas falas de censura ao padre,

— O senhor não se envergonha de estar nesse meio, padre? Um sacerdote do Senhor?
Um homem de responsabilidade, no meio desta gentalha...
— São crianças, senhora. [...]
— Isso não são crianças, são ladrões. [...]
— Não se aproxime de mim, não se aproxime de mim, imundice. [...]
(AMADO, 1984, p.73).

No trecho acima confirma-se a exclusão desse grupo de meninos que estão expostos a todos os perigos e situações que os levarão a ter atitudes de defesa, pois precisam sobreviver a qualquer custo sem a preocupação de atos falhos. Eles estão dispostos a lutar por uma vida melhor, mesmo que para isso precisem roubar, brigar e praticar todo tipo de falcatura.

Partindo disso, podemos demarcar Pedro Bala, como herói e anti-herói? Pedro Bala, fruto do meio em que vive é senão o estereotipo da desigualdade social brasileira que corrobora com a exclusão de sujeitos como ele.

O anti-herói cansado das injustiças e do mal feito da sociedade, é um sujeito que pretende fazer justiça com as próprias mãos e seus feitos ficam marcados por usar da violência, vingança e reversão dos valores estipulados pela sociedade. Evangelista (2017).

Nesse sentido Pedro Bala é um herói porque luta pelos seus, mas ao mesmo tempo possui as características de um anti-herói, pois usa de reversão dos valores sociais para vencer as atrocidades encontradas no caminho.

Para Nascimento (2019, p 47)

No Brasil o senso comum confunde os termos, desigualdade, pobreza e exclusão, desigualdade social consiste na distribuição assimétrica das riquezas materiais e simbólicas produzidas, pobreza consiste na situação de membros de uma sociedade que não conseguem viver dignamente, a exclusão vem de fora, é um estigma, e consiste na expulsão dos sujeitos do meio social, com isso, duas esferas distintas e antagônicas constituem a sociedade moderna.

Nesse sentido Pedro Bala surge como o herói que “de punhos levantados, as crianças saúdam Pedro Bala, que parte para mudar o destino de outras crianças” (AMADO, 1984, p. 229). Ademais, vai de encontro ao Estado, que em essência oprime e exclui a ele e aos seus companheiros e se corporificara a posteriori como o camarada Pedro Bala:

Dentro de Pedro Bala uma voz o chama: voz que traz para a canção da Bahia, a canção da liberdade. Voz poderosa que o chama. Voz de toda a cidade pobre da Bahia, voz da liberdade. A revolução chama Pedro Bala. [...]
Anos depois os jornais da classe, pequenos jornais, dos quais vários não tinham existência legal e imprimiam em tipografias clandestinas, jornais que circulavam em fábricas, passados de mão em mão, e que eram lidos à luz de fósforos, publicavam sempre notícias sobre um militante proletário, o camarada Pedro Bala. (AMADO, 1984, p. 229-231).

Segundo Nascimento (2019), a exclusão social tem um aspecto econômico, a um primeiro olhar o aumento da desigualdade social, em relação ou não com o aumento do desemprego, está criando grupos sociais desprovidos de bens materiais e simbólicos, tratamos aqui de crianças que apesar de cobertos pela brandura da ficção, denunciam que no Brasil real, muitas não têm possibilidades de encontrar um “lugar no mundo”, com isso “seria possível dizer que, além de uma expulsão do mundo da economia, os novos excluídos são expulsos dos

direitos sociais e, em decorrência, correm o perigo de sofrer restrições nos espaços político e civil” (NASCIMENTO, 2019, p. 68).

Como exposto por Jorge Amado em sua obra eram em síntese “crianças abandonadas que viviam do furto. Ninguém nunca soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem, e desses mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados” (AMADO, 1984, p. 27). Tal desigualdade pode ser evidenciada no trecho a seguir

Foi o Boa-Vida que contou a Pedro Bala que naquela casa da Graça tinha coisa de ouro de fazer medo. O dono da casa, pelo jeito, parecia colecionador, o Boa-Vida tinha ouvido um malandro dizer que na casa havia uma sala entupida de objetos de ouro e prata [...]. Era um prédio moderno e elegante, jardim na frente, garagem ao fundo, espaçosa residência de gente rica. (AMADO, 1984, p.103)

Ao passo que a poucos desfrutavam de muito, aos Capitães da Areia, coube o velho casarão abandonado, como demonstrado por Amado:

Durante anos foi povoado exclusivamente pelos ratos que o atravessavam em corridas brincalhonas, que roíam a madeira das portas monumentais, que o habitavam como senhores exclusivos. Em certa época um cachorro vagabundo o procurou como refúgio contra o vento e contra a chuva. Na primeira noite não dormiu, ocupado em despedaçar ratos que passavam na sua frente. Dormiu depois algumas noites, ladrando à lua pela madrugada, pois grande parte do teto já ruíra e os raios da lua penetravam livremente, iluminando o assoalho de tábuas grossas. Mas aquele era um cachorro sem pouso certo e cedo partiu em busca de outra pousada, o escuro de uma porta, o vão de uma ponte, o corpo quente de uma cadela. E os ratos voltaram a dominar até que os Capitães da Areia lançaram as suas vistas para o casarão abandonado. (AMADO, 1984, p. 28).

Observa-se que no trecho acima visualizamos o espaço ocupado pelo grupo de Pedro Bala, que não possui nada de especial, é somente um lugar abandonado que serve de residência para os meninos que não possuem onde morar, ao contrário da casa no bairro da Graça muito bela e repleta de “objetos de ouro e prata” descrita por Boa-Vida aos amigos. Nota-se a disparidade da sociedade e das pessoas que vivem nesse mundo tão desigual.

Segundo os pesquisadores Pauletti e Botoso (2012):

A infância é uma fase muito importante no desenvolvimento da criança, principalmente em relação à família, quando se constroem vínculos afetivos e

direcionamento moral, que influenciam na formação do caráter, preparando-as para a adolescência, que é o período de profundas modificações físicas, psicológicas e sociais. Essa etapa, entretanto, exige acompanhamento familiar, educacional, social e religioso. Entretanto, infelizmente, a problemática da infância e da adolescência continua presente a cada dia e se tornou um problema constante no mundo contemporâneo e um assunto bastante tratado por escritores, sociólogos, psicólogos etc... (PAULETTI; BOTOSO, 2012, p. 79).

Nesse contexto que o livro de Jorge Amado se demonstra, ainda em dias atuais, como uma leitura urgente e de caráter denunciador das mazelas brasileiras, a obra retrata a vida de menores abandonados, os capitães da areia, nome pelo qual, na cidade de Salvador, dos anos 30 a 50, ficaram conhecidos os “meninos de rua”.

Em a “Noite da Grande Paz, da Grande Paz dos teus Olhos”, surge uma história de amor quando a menina Dora se torna a primeira “Capitã da Areia”, e mesmo que inicialmente os garotos tentem tomá-la à força, ela se torna como uma mãe e irmã, lavando, cozinhando, costurando e cuidando de todos.

A camisa estava rasgada de cima a baixo. Dora mandou que ele sentasse, começou a cozer no corpo dele mesmo. Quando os dedos dela tocaram pela 1ª vez no corpo de Gato, ele sentiu um arrepio. Como quando Dalva passava as unhas crescidas e tratadas, arranhando suas costas. (AMADO, 1988, P. 169).

Dora apesar de demonstrar ser uma mãe para todos, ela acaba despertando um certo desejo em Gato. Dora também é uma espécie de heroína do grupo, pois desenvolve vários papéis importantes naquele grupo de amigos.

Os mitos nas sociedades arcaicas procuravam no passado, em um tempo mítico perdido, uma verdade única e eterna, o mito atuava como consolo contra a história, dando forma aos valores, crenças e verdade. O herói era um consolo também contra a fraqueza humana, uma figura exemplar que transcende suas limitações aproximando-se de deuses. Conforme a literatura se desenvolve, absorvendo o mito, é nela que o herói aparecerá, tornando-se uma categoria estética. Conforme Feijó:

São os poetas que dão forma artística, às crenças, aos mitos, aos anseios e desejos coletivos. Às vezes, são até os criadores de mitos, dando expressão ao inconsistente coletivo. Nesse caso, o herói se transforma numa importante categoria estética. Em outras palavras, originado do mito, ele passa por um processo de transformação, pela interferência do poeta, que a partir dele busca compreensão da essência humana tendo e transmitido o prazer dessa descoberta (Feijó, 1984, p.52).

Para Feijó o herói se transforma pela voz do escritor e a partir dele procura entender o ser humano.

O narrador de **Capitães da Areia**, no trecho em que Pedro Bala assume a liderança do grupo transmite-nos a ideia do surgimento de um herói:

Uma noite, quando Raimundo (antigo chefe dos Capitães da Areia) quis surrar Barandão, Pedro tomou as dores do negrinho e rolaram na luta mais sensacional que as areias do cais jamais assistiram. Raimundo era mais alto e mais velho. Porém Pedro Bala, o cabelo loiro voando, a cicatriz vermelha no rosto, era uma agilidade espantosa e desde esse dia Raimundo deixou não só a chefia dos Capitães da Areia como o próprio areal. (AMADO, 2002, p.21).

Pedro Bala é descrito pelo narrador como uma espécie de herói por se destacar, possuir poder de liderança e ser respeitado por todos do grupo e anti-herói por fugir das regras sociais e através do roubo trazer o sustento para esses meninos abandonados pela família e pela sociedade, ainda se configura um anti-herói pela aparência de “bandido” com a cicatriz no rosto e comandar o esse bando, todos com uma história triste para contar. “Os meninos reconhecem os direitos de Pedro Bala à chefia, e foi desta época que a cidade começou a ouvir falar nos capitães da areia, crianças abandonadas que viviam do furto” (AMADO, 2002, idem p.21).

Pedro Bala tem seu caráter mencionado em toda a narrativa, além de um espírito nato de liderança. Mesmo sendo ainda muito jovem, era justo e inteligente. Conseguia manter o bando Capitães da Areia unido e organizado, todos do grupo o respeitavam.

Ao contrário dos outros personagens, Pedro Bala como é conhecido não tem seu destino traçado o mesmo vai construindo sua própria jornada ao longo do romance.

No decorrer do enredo, podemos ver que seu destino começou a ser descortinado ainda na metade do romance, quando descobriu que seu pai era um sindicalista das docas, morto pela polícia durante uma greve. Ali partiu um interesse por tudo aquilo.

Alguns conflitos que atingem as crianças e adolescentes na história serão de fundamental importância para o entendimento dessa trajetória do personagem Pedro Bala, sujeitos excluídos do convívio social, partindo de aspectos trabalhados literariamente, mas que tratam de questões reais da sociedade brasileira.

3.1 O Herói Pedro Bala: Personagem de duas faces

Pedro Bala tem atitude de anti-herói quando apresenta o lado violento da personalidade e sedento de desejo ataca uma negrinha a força no areal, ele não respeita o desejo da menina. Após o ato sente remorso. Esse sentimento observa-se no excerto abaixo:

Primeiro ele ficou parado, depois a correr no areal e aí como se os ventos o açoitassem, como se fugisse das pragas da negrinha. E tinha vontade de se jogar no mar para se lavar de toda aquela inquietação, a vontade de se vingar dos homens que tinham matado seu pai, o ódio que sentia contra a cidade rica que se estendia do outro lado do mar, na Barra, na Vitória, na Graça, o desespero da sua vida de criança abandonada e perseguida, a pena que sentia daquela pobre negrinha uma criança também. (AMADO, 2002, p.85).

O menino, apesar da atitude tomada no momento do desejo carnal, arrepende-se. Mas mesmo assim, sua atitude é de um malandro impregnado da violência que o rodeia, não só a ele, mas a todos os seus amigos do bando. A vida fez Pedro Bala exercer as duas faces da personalidade; a de líder defensor de todos do bando como um herói romântico, pois a valentia e a capacidade de se sacrificar pelo grupo são constantes na sua trajetória. Porém, a esperteza, dado a falcatruas e atitudes baixas, poderíamos vê-lo como um anti-herói da nossa literatura.

Assim como Pedro Bala outra marca forte do modelo romântico é a figura de Dora, tanto por sua concepção idealizada, quanto pelo final triste da morte.

Num olhar mais crítico e ao mesmo tempo fazendo a análise da obra, iremos ver que o enredo não trata apenas de um ajuntamento de crianças, mas de uma coletividade organizada a partir de leis e regras levadas a sério pelos membros desse coletivo. Pedro Bala, no papel de líder é tido como herói por ser o defensor do grupo, por outro lado, é configurado como anti-herói pelas atitudes erradas.

Para começar, vale ressaltar que Pedro Bala é o único loiro do grupo, o que atrai comentários dos meninos como "esse loiro é valente como um negro!", ou "ele é branco, mas briga como um negro". O que leva a uma reflexão sobre o porquê de Pedro ser o único loiro e ser o chefe, já que nenhum detalhe, na literatura, é em vão.

Claramente, percebe-se, ao decorrer da obra, uma transposição da condição de branco (loiro) para negro, dentro do grupo que Pedro Bala chefia. Assim como no círculo social, quando um negro tem destaque, no que concerne ao status e à posição financeira, há um processo de "branqueamento social", que consiste essencialmente na ideia de que os negros devam tomar para si o modo de vida dos brancos, para se inserirem com êxito no mecanismo da sociedade, como bem explica Petrônio Domingues (2004), em **Uma história não-contada - Negro, racismo e branqueamento**, há em Pedro Bala o processo inverso, já que o universo da obra é o universo da cultura negra. O poder do negro é exaltado em vários aspectos, não só

na força e na valentia, mas também no poder dos cultos afro-brasileiros, na mentalidade de luta por liberdade e justiça, e nas danças e lutas de capoeira. Em **Capitães da Areia**, é o modo de vida do negro que predomina. Pedro, assim, apesar de loiro, é um negro na força e no caráter, colocado neste patamar pelos demais capitães, e é proclamado o chefe, por eles.

Há também outros personagens muito interessantes, como o Professor, espécie de intelectual do grupo, o único, dentre eles, que sabe ler, tem pilhas de livros roubados das bibliotecas, que são o seu tesouro, e, apesar de não ter estudo, mostra uma visão profunda sobre a miséria em que vivem os meninos, e ao decorrer da obra, faz reflexões sobre os momentos passados por eles, mostra uma sensibilidade aguçada, mesmo dentro dos seus catorze anos e de sua miséria pessoal. Observamos que os componentes do grupo Capitães da Areia são uma espécie de heróis e anti-heróis, pois possuem virtudes e defeitos. Destacamos o amor, a bondade, a inteligência, a religiosidade e o desejo de justiça, da consciência do coletivo, e até mesmo de regras, as ações são excepcionais, bravura e coragem, buscando a solução de situações difíceis e críticas, mas também possuem vícios, fraquezas, deformidades, etc. Essas características compõem a existência dos heróis que fizeram parte da história e da literatura.

Outro personagem faz parte de **Capitães da Areia** é Pirulito que também se destaca pelo seu infinito amor pela religião, por Deus e Jesus Cristo. É muito comedido e só se enreda nas tramas do grupo quando é absolutamente necessário, pois vive fazendo promessas para os santos de que vai largar aquela vida e se dedicar somente a Deus, seu sonho é ir para um seminário e se tornar padre.

Sem-Pernas é o contraponto dentro do grupo. Enquanto os outros mostram muitas vezes esperança de sair dali, de ter uma vida melhor no futuro, de encontrar algo que os façam querer viver mais, Sem-Perna vive enclausurado dentro de sua amargura e revolta por sua situação de abandono e carência. Não sorri, não tem carinho pelos outros, vive de pilhérias com os demais, como se de tratar outro igual a ele, o fizesse aliviar seu inferno pessoal. Quanto a isso, a obra garante que o personagem

quer um carinho, uma mão que passe sobre os seus olhos e faça com que ele possa se esquecer daquela noite na cadeia, quando os soldados bêbados o fizeram correr com sua perna coxa em volta de uma saleta. Em cada canto estava um com uma borracha comprida. As marcas que ficaram nas suas costas desapareceram. Mas de dentro dele nunca desapareceu a dor daquela hora. Corria na saleta como um animal perseguido por outros mais fortes. A perna coxa se recusava a ajudá-lo. E a borracha zunia nas suas costas quando o cansaço o fazia parar. (AMADO, 1984, p. 34).

Fragilizado emocionalmente, o episódio com dona Ester apenas evidencia os dilemas

vividos diante da ausência materna

Ela se acercou dele e o beijou na face:

— Boa noite, meu filho.

Saiu, cerrando a porta. O Sem-Pernas ficou parado, sem um gesto, sem responder sequer o —boa noite!, a mão no rosto, no lugar em que dona Ester o beijara. Não pensava, não via nada. Só a suave carícia do beijo, uma carícia como nunca tivera, uma carícia de mãe. (AMADO, 1984, p. 110).

Fora estes principais personagens, existem ainda o Gato, que apesar de sua pouca idade, é o galanteador das prostitutas; o Boa-Vida, malandro nato, que vive de enganar trouxas nas apostas em jogos de cartas; João Grande, fiel protetor de Pedro Bala e dos outros, que é retratado como muito burro, porém com o coração muito bom; e Volta Seca, sertanejo com um grande amor às suas origens, que vive na espera de um dia ir embora do grupo para fazer parte do bando de Lampião, seu padrinho.

O ponto alto na obra é a chegada de Dora à vida desses meninos. Dora traz ao grupo noções de feminilidade, como reconhecido por eles, vejamos:

Enfiou a linha, deu um nó numa das pontas. Gato disse para Professor.
-- Só mulher é que sabe fazer esse troço...

Estendeu a mão para receber a agulha, mas Dora não entregou. Perguntou o que é que Gato tinha que coser. Gato mostrou o paletó roto no bolso. [...] Professor e Gato ficaram vendo ela coser. Em verdade não era uma maravilha de costura, mas eles nunca tinham tido ninguém que remendasse suas roupas. (AMADO, 1984, p. 154).

Para uns, ela representa uma amiga que eles nunca tiveram, para outros uma mãe, de quem nunca puderam sentir colo e carinho, e para Pedro Bala e Professor, ela significa a noiva, que Pedro teve e que Professor desejou. O aparecimento de Dora mexe com as estruturas do grupo, desafia as leis e as regras, tudo se afrouxa diante da presença feminina que toma conta deles. De início Pedro Bala é contra a adesão dela ao grupo, mas depois vai cedendo à medida em que se apaixona. É interessante a forma como Dora passa por um processo de masculinização para ser aceita no grupo: prende os cabelos, começa a usar calças e aprende a capoeira, para poder lutar junto com eles. Lembra até o mito da donzela-guerreira dentro da literatura, como diz Walnice N. Galvão (1998), em seu estudo **A Donzela-Guerreira: um Estudo de Gênero**, a opção por masculinizar-se, em toda donzela-guerreira, guarda uma relação forte com um senso de missão e uma vontade de servir aos outros, como

uma abnegação de si mesma em prol do coletivo a que quer pertencer. Sua forma pessoal de resistência é o esforço para superar as próprias fraquezas, como o frio, a fome, o trabalho pesado e a saúde frágil. É exatamente o que acontece com Dora, tanto que depois de pertencer ao grupo, e nele se misturar ao ponto de lutar como os outros, ser presa da mesma forma que qualquer um, Dora sucumbe, demonstrando a fragilidade do seu corpo, em oposição à força de seu espírito. O que, aliás, é o clímax da obra.

Pedro tem no sangue o instinto pela luta por justiça, um instinto que busca liberdade, mas não apenas para si, e sim a de todo um grupo social. Logo transmite-nos a ideia de herói que prima pelo coletivo. Ao longo da obra, seu pai é lembrado como o maior líder sindical que a Bahia já havia visto, o que marca bastante a índole e a personalidade de Bala. Não é apenas um líder de um grupo de crianças, mas um lutador, um visionário, sai do seu microcosmo para a cidade inteira da Bahia, e os cenários confirmam isso.

Vale assinalar também o contexto da morte na literatura. Em muitos casos a morte tem uma simbologia de redenção do personagem, principalmente se ele é o vilão, ou cometeu atos cruéis aos olhos do leitor, a morte no final da trajetória significa uma libertação da personalidade amargurada que o personagem teria. A morte pelo suicídio poderia significar a escolha dessa libertação, um desespero do personagem em não querer mais carregar tudo o que ele carregou até ali, e, por outro lado, poderia significar a negação de todos os sentimentos que o corroeram durante a narrativa. Em todo caso, cabe aqui olhar o suicídio do Sem-Pernas como ponto fundamental para fechar o ciclo deste personagem, tão importante dentro da obra.

O episódio das prisões de Pedro Bala e Dora configura um exemplo forte da exaltação do conceito de liberdade dentro da obra. Ao colocar Pedro Bala em uma agonia profunda quando preso na cafua, e Dora doente em uma cama quando ambos perdem o cotidiano livre das ruas, Jorge Amado traz ao leitor uma reflexão de como o fato de se sentir preso pode adoecer e tirar o brilho destes personagens, fazendo com que surja o questionamento entre liberdade (vida) x prisão (morte). Para os Capitães, a perda da liberdade é como a morte em vida.

A importância da obra dar-se-á na medida que a marginalização e a injustiça social “são encaradas pela sociedade com descaso. As classes dominantes, os meios de comunicação, as autoridades e o Estado, desconhecem as dificuldades das pessoas que vivem à margem da sociedade e agem de forma a excluí-las ainda mais do meio social. (SINIGAGLIA; ALVES, 2017, p. 1). Nesse sentido, o Estado e por vezes, seus agentes atuam de forma a intensificar a exclusão, como evidenciado no episódio Pedro Bala foi pego

tentando roubar o palacete do Dr. Alcebíades Meneses, e quando interrogado, sofreu muito,

— Ainda não vai dizer? – Perguntou o diretor do Reformatório. – Isso é só o começo.

— Não – foi tudo que Pedro Bala disse.

Agora davam-lhe de todos os lados. Chibatadas, socos e pontapés. O diretor do Reformatório levantou-se, sentou-lhe o pé, Pedro Bala caiu do outro lado da sala. Nem se levantou. Os soldados vibraram os chicotes. (AMADO, 1984, p. 172).

Nesse episódio do roubo, o protagonista passa a condição de anti-herói, pois tentou usar de meios ilícitos, no caso o roubo, para prover seus amigos e a ele mesmo. Pedro como os outros roubam para se sustentar já que não possuem outros meios para esse fim. Logo, “o anti-herói é amiúde, um agitador e um perturbador” (CARDOSO, 2017, p. 43).

No reformatório Pedro Bala ficou em uma cela onde não podia sequer esticar as pernas.

Ouviu o bedel Ranulfo fechar o cadeado por fora. Fora atirado dentro da cafua. Era um pequeno quarto, por baixo da escada, onde não se podia estar de pé, porque não havia altura, nem tampouco estar deitado ao comprido, porque não havia comprimento. Ou se ficava sentado, ou deitado com as pernas voltadas para o corpo numa posição mais que incômoda. (AMADO, 1984, p. 173).

Nesse sentido, entendemos Pedro Bala como um sujeito preso entre as condições que a vida lhe impôs e seu impulso pela defesa aos amigos, as vezes herói, outras anti-herói.

Essa concepção vem de acordo com Campbell (2002), quando diz que o herói pode ser entendido como aquele que transpõe a condição humana pertencente a nossa vida cotidiana, levando em consideração que o condicionamento de nossas vidas, pode se apresentar como de difícil superação, ou seja, alterá-lo pode se revelar como acima de nossas perspectivas normais. O herói para Campbell pode possuir uma coragem em dimensão tão grande cuja própria vida pode ser doada em razão de uma causa. Nesse sentido o termo herói, pode ser conferido ao ser humano cujas ações são lidas como excepcionais, evidenciando bravura e coragem, buscando a solução de situações difíceis e críticas, e tendo por baliza princípios éticos e morais. Ou seja, são personagens moralmente corretos e cuja forma idealizada pretende suscitar simpatia no público.

O personagem Pedro Bala possui essa bravura e coragem em certos momentos da vida. Principalmente, quando proporciona a Dora sua primeira e única noite de amor, se mostra um herói que pretende atender ao pedido da moribunda. Ela insistiu para que ele a tivesse nessa noite, ao acordar percebe que ela está morta. Na seguinte citação se apresenta o

episódio em que o corpo de Dora é jogado ao mar pelos meninos.

Levam-na para a paz da noite, para o mistério do mar. O padre reza é uma estranha procissão que se dirige na noite para o saveiro do Querido-de-Deus. Do areal Pedro Bala vê o saveiro que se afasta. Morde as mãos, estende os braços. Voltam para o trapiche. A vela branca do saveiro se perde no mar. A lua ilumina o areal, as estrelas tanto estão no céu quanto no mar. Há uma paz na noite. Paz que veio dos olhos de Dora. (AMADO, 2002, p.213)

Pedro Bala se sente triste pela morte de sua amada, mas quando avista um cometa, ele acredita que Dora se transformou em estrela, Pedro crê em algo que não tem uma explicação plausível. Percebe-se que o protagonista tem um sentimento de herói.

Segundo Kothe (1987, p.16), “nenhum herói é épico por aquilo que faz; ele só se torna épico pelo modo de ser apresentado aquilo que faz”. Portanto, Pedro atinge essa condição em vários momentos de sua trajetória, principalmente nesse, quando precisa jogar o corpo de Dora ao mar para que ninguém descubra o paradeiro do grupo e também porque pretende que ela faça companhia a Iemanjá.

Pedro Bala toma atitude também de anti-herói, quando faz justiça com as próprias mãos para ajudar seu grupo. Evangelista que afirma ser: “Personagens com honra, cansados das injustiças e da corrupção da sociedade fazem justiça com as próprias mãos e cujas atitudes são marcadas por serem levadas ao extremo em uma tríade composta por vingança, violência e subversão de valores morais” (2017, p.3).

Partindo de Campbell (2002) encontramos em Pedro Bala o heroísmo e por vezes sua antítese. Dessa forma, entendemos que o protagonista usa de seu duplo no momento em precisa enfrentar as barreiras que se apresentam no decorrer da existência, tornando-se um ser bom para aqueles que mais necessitam e “mau” para aqueles que não tem necessidades financeiras. Há desse modo, duas maneiras de agir, confirmando a dualidade do personagem e seu papel de herói dos pobres e anti-herói dos ricos, tal como **As Aventuras de Robin Hood** de Alexandre Dumas.

No teatro trágico renascentista o herói “nem é justo e nem injusto, pois em ambos os casos não se dá o trágico. Se for injusto, a desgraça que lhe acontece, causa repulsa se for justo, a desgraça que lhe acontece causa satisfação” (TRINGALI, 1994, p. 53). Portanto, no caso do romance em questão, os seus personagens possuem as duas características, justiça e injustiça.

O Narrador apresenta Pedro Bala e deixa pistas que o menino traz consigo a figura de um homem forte corajoso, mas também falho, depende das circunstâncias em que se encontra.

No trecho abaixo podemos constatar o sentimento de justiça. Porém, o meio usado foi a briga.

Uma noite, quando Raimundo (antigo chefe dos Capitães da Areia) quis surrar Barandão, Pedro tomou as dores do negrinho e rolaram na luta mais sensacional que as areias do cais jamais assistiram. Raimundo era mais alto e mais velho. Porém Pedro Bala, o cabelo loiro voando, a cicatriz vermelha no rosto, era uma agilidade espantosa e desde esse dia Raimundo deixou não só a chefia dos Capitães da Areia como o próprio areal...(AMADO, 2002, p.21).

De acordo com Michael (2013, p. 1) “ as falhas morais são simplesmente falhas morais, como o alcoolismo, a infidelidade, ou um temperamento incontrolável e violento”. Observamos esse comportamento em Pedro Bala que mesmo optando pelo sentimento fraterno usa da violência para defender um membro de seu convívio.

Segundo Cardoso (2017) verifica-se então que o anti-herói emerge para contestar padrões estabelecidos previamente e apresentados como verdades absolutas pela figura do herói, reside, portanto, no anti-herói a notoriedade do não heroico, ou seja, a crítica que pode ser evocada em qualquer temporalidade ou qualquer contexto histórico social.

Os personagens de **Capitães da Areia** contestam, de certa forma, esse sistema que os exclui, portanto, com a ideia de um herói idealizado pela sociedade fazem a vez do anti-herói e contestam as regras estabelecidas pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Capitães da Areia retrata a figura do herói e ao mesmo tempo do anti-herói. No percurso do presente trabalho distinguimos as duas posições do protagonista, a de um menino bom que primava pela proteção de seu grupo e de um sujeito que cometia falcaturias. Desse modo apresenta-se as duas faces de Pedro Bala, que por meio da personalidade dupla o faz ser bom e mau ao mesmo tempo. Pedro é um personagem complexo que caminha entre os dois estereótipos e também, para além deles.

Constatamos, que pesar de ser uma obra com estrutura romântica, há elementos realistas como a crítica social e por ter sido publicado em pleno modernismo possui também uma linguagem moderna.

Os personagens são e foram construídos ao longo da história buscando, mesmo que de forma embrionária tecer um paralelo com o complexo personagem Pedro Bala, que para nós, transita livremente, como um menino das ruas, entre o estereótipo do herói e do anti-herói.

Observou-se que a partir das relações com as outras personagens e da relação da própria narrativa com a violência, acontece a transformação do mais violento das personagens no herói da narrativa, principalmente, da criação de uma dualidade constante entre o bem e o mal.

A questão acerca do herói ou anti-herói em **Capitães da Areia** mostra as duas faces do protagonista e seus amigos. Apesar de Pedro e seus amigos viverem de furtos, brigando nas ruas ou ferindo com navalha, eles “eram bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem tudo aquilo morreriam de fome”. (AMADO, 1984. p. 97).

Constatamos que **Capitães da Areia** representa a dualidade de um protagonista que pretende sobreviver os percalços que a vida lhe apresenta, aborda as desigualdades de nossa sociedade que de certa forma induz e transforma o homem, aguçando as suas duas faces no intuito de obter o melhor desse homem.

Por fim espera-se que de alguma forma este trabalho possa abrir a mais pesquisadores o estudo desse tema, tão instigante, que se mantém presente na sociedade e representado na literatura.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 60. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

_____. **Capitães da Areia**. 92 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1988.

_____. **Capitães da Areia**. 107 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

AUSTIN, Michel; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Economia y Sociedad em la Antigua Grecia**. Tradução de Teófilo de Lozoya. Barcelona: Paidós, 1986.

BENJAMIN, Walter. **Charles baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 41ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

D'ONOFRIO, Salvatorie. **A Teoria do texto**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

BIOGRAFIA de Jorge Amado. Academia Brasileira de Letras. 2017. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/jorge-amado/biografia> Acesso em 24 de out. de 2021.

CALIXTO, Carolina Fernandes. Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos político-culturais, 2011, 170 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1515.pdf> Acesso em: 25 out. 2021.

CAMPBELL, Joseph. O Herói de Mil Faces. Cholsamaj Fundacion, 2004.
_____. **O Herói de Mil Faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral, São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

CARDOSO, Thiago Mendes. O anti-herói: da literatura à educação. 2017. 80 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3730> . Acesso em: 17 set 2021.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 2002.

DISCURSO DE POSSE de Jorge Amado. Academia Brasileira de Letras. 1961. Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/jorge-amado/discurso-de-posse> . Acesso em 24 de out. de 2021.

ECO, Umberto et al. Sobre os espelhos e outros ensaios. 1989. Disponível em: <http://www.academia.edu/4067797/A_Inovacao_No_Seriado_Umberto_Eco>. Acesso em: 15 fev. 2018.

EVANGELISTA, Raquel Lobão. **Características estéticas de séries norte americanas: identificação e afeição a anti-heróis**.

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é herói**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **O que é herói**. São Paulo: Brasiliense. 1995.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.115-126, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/3002> . Acesso em 19 de out. 2021.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GALVÃO, Walnice Nogueira. A Donzela-Guerreira: um Estudo de Gênero. SENAC: São Paulo, 1998.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. Uma leitura antropológica de Jorge Amado: dinâmicas e representações da identidade nacional. **Diálogos Latinoamericanos**, Aarhus, Dinamarca n. 5, p. 109-133, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/162/16200508.pdf> Acesso em 17 de out. 2021.

JAERGER, Werner. **Paidéia**: a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KOTHE, Flávio R. **O herói**. 2 ed. São Paulo: 1987.

LEVI, Primo. **Assim foi Auschwitz**: testemunhos 1945-1986. São Paulo. Companhia das letras, 1990, pp. 11-46.

LIMA, José Rosamilton; SANTOS, Ivanaldo Oliveira. A trilha do herói: da antiguidade à modernidade. Revista **dEsEnrEdos**, Teresina-PI, ano III, n. 9, p. 1-15, 2011. Disponível em: <http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/9 - Artigo - Heroi - Ivanaldo - Rosamilton.pdf> . Acesso em 17 de out. de 2011.

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do romance**: Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000.

MITCHEL, J. The Rise of the Anti Hero: Why the characters in TV and movies we love most are the ones with fatal flaws. Relevant Magazine, 2013. Disponível em: <<https://relevantmagazine.com/culture/tv/rise-anti-hero>>. Acesso em: 26 set. 2018.

NASCIMENTO, E. P. D. **Um mundo de riscos e desafios**: conquistar a sustentabilidade, reinventar a democracia e eliminar a nova exclusão social. Brasília: Astrojildo, 2019.

PAULETTI, Hicléa Luzia Costa Ton; BOTOSO, Altamir. Adolescência e marginalização em Capitães da Areia, de Jorge Amado. **Fólio-Revista de Letras**, Vitória da Conquista, v.4, n. 1, p. 77-97, jan./jun, 2012. Disponível em: <https://1library.org/document/y9gr5ndq-adolescencia-marginalizacao-em-capitães-da-areia-jorge-amado.html> . Acesso em 25 out. 2021.

PETRÔNIO, Domingues. **Uma história não contada: Racismo e Branqueamento em São Paulo no Pós-abolição**. 1ª edição, São Paulo: SENAC, 2004.

RAMOS, Cléa Fernandes; TELLES, Verônica. O mito do conceito de herói. **Revista Eletrônica do ISAT**. ano I, n. 2, p. 1-6, 2014. Disponível em: https://www.revistadoisat.com.br/numero2/01_O_Mito_do_Conceito_de_Heroi_Clea_e_Veronica.pdf Acesso em 24 de out. 2021.

SINIGAGLIA, Bruna; ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares. Injustiças sociais e marginalização, sob a ótica de Capitães da Areia de Jorge Amado. In Anais do XXII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão Redes e Territórios. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais2017/XXII%20SEMIN%C3%81RIO%20INTERINSTITUCIONA2017.pdf> Acesso em 17 de out. 2021.

TRAJANO, Allana Azevedo. A subversão de Antígona: gênero e cidadania na Atenas Clássica. **Mythos**, Imperatriz-MA, ano V, n. 1, p. 13-35, 2021. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/00486345391343242b5e9> Acesso em 22 set 2021.

TRINGALI, Dante. **Escolas Literárias**. 1ª Ed. São Paulo: Musa, 1994.